



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10453 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

Podemos falar em jovens normalistas? A escola normal faz juventudes?

Rejane Brandao Siqueira - PUC Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Podemos falar em jovens normalistas? A escola normal faz juventudes?

Resumo

Ao abordar jovens estudantes, matriculados em um curso de educação profissional reconhecido por sua desvalorização, a partir do conceito de condição juvenil busca-se superar uma ideia da juventude como preparação para a vida adulta, período de transição demarcado por marcadores sociais como o ingresso no mercado de trabalho ou saída da casa dos pais e assumir a definição apontada por esses sujeitos a partir de suas percepções sobre ser jovem e ser um jovem estudante do curso de formação de professores em nível médio, na modalidade normal. Tal escolha de pesquisa se estrutura a partir de uma concepção da juventude entendida como um estilo de vida em si mesmo que constitui uma identidade cultural própria e com o objetivo de conhecer se e como a inserção nesse curso afeta os modos de viver desses jovens. Diante das diferentes percepções apresentadas pelos jovens em seus relatos de história de vida, escolhas e estratégias de ingresso no curso foi possível identificar esse grupo em seus modos de viver e o identificar como jovem normalista.

Palavras Chave: jovem; escola; jovem normalista.

Introdução

A juventude é um processo de contínua transformação individual e coletiva num jogo de experiências múltiplas. O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida na perspectiva de que qualquer definição do ser jovem é arbitrária e relacional, visto que são indivíduos em construção com base nas suas características pessoais, informações, experiências e oportunidades propiciadas pela família e pelo contexto social em que vivem, com o objetivo de conhecer histórias de vida de jovens moradores da Baixada Fluminense, estudantes do Ensino Médio na modalidade Normal a fim de compreender quem são os jovens concluintes desse curso e identificar qual (ais) escolhas e estratégias assumidas em seu processo de formação a partir de suas percepções de si.

A pesquisa teve como estratégias metodológicas a aplicação de um breve questionário com dados pessoais e sociais além de questões relacionadas ao projeto e concordância em participar das etapas posteriores da pesquisa. O questionário foi aplicado aos jovens do

primeiro e terceiro ano que, voluntariamente, se propuseram a responder e serviu de fio condutor para a realização a escuta dos relatos das histórias de vida (HV) e o um grupo focal (GF). Do universo dos 36 respondentes do questionário, 24 jovens fizeram relato de histórias de vida e 08 participaram do grupo focal.

I. Condição Juvenil

Analisando os modelos clássicos, o funcionalista e o da moratória social, Groppo (2010) aponta dois movimentos dentro da reflexão das ciências sociais sobre a condição juvenil e pontua que, em ambos, na definição da «condição juvenil», a parte «forte» da relação entre sociedade (como instituições, estruturas e processos sóciohistóricos) e juventude (como indivíduos e grupos juvenis) caberia à sociedade. Em contrapartida ele apresenta uma proposta em que a condição juvenil se configura em uma relação dialética porque está assentada sobre uma relação de contradição entre sociedade e juventudes que demonstra trajetórias de indivíduos e grupos juvenis oscilantes.

Minayo (2011) descreve as diferentes acepções e acentua que essas enriquecem o conceito:

Uma delas é a que acentua os traços comuns, não obstante as dimensões de espaço, tempo e a pluralidade de condições dos que nasceram em um mesmo período histórico; uma segunda dá ênfase às desigualdades de classe, de gênero e de cor; e outra ainda ressalta as características e os padrões culturais. (p.19)

Dayrell (2007) acentua que a condição juvenil é constituída de múltiplas dimensões compreendidas a partir do contexto sociocultural mais amplo, no interior do qual os jovens constroem suas experiências em um processo marcado por tensões que entrecruzam presente-futuro e produzem instabilidades e incertezas.

Do latim, *conditio* refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (DAYRELL, 2007, p. 1108)

Os sujeitos da pesquisa são jovens que vivenciam a sua condição juvenil no interior de uma instituição educativa de horário integral, e a pesquisa busca perceber as singularidades do ser jovem nessa condição. A abordagem se dá a partir do conceito de que essa condição é constituída de múltiplas dimensões compreendidas a partir do contexto sociocultural mais amplo, no interior do qual os jovens constroem suas experiências, em um processo marcado por tensões que entrecruzam presente-futuro e produzem instabilidades e incertezas. (DAYRELL, 2011)

Paulo Carrano (2011; 2000) e Juarez Dayrell (2011; 2007), em seus estudos sobre os modos de ser jovem e o processo de socialização dentro e fora das instituições escolares, contribuem para a compreensão desse jovem estudante em seus modos de viver sua condição juvenil no interior da instituição educativa.

Escola, trabalho e juventudes se entrecruzam quando esse jovem está em um curso de

formação profissional que o habilita para um ofício, que ao longo dos séculos, é reconhecido como trabalho precário em face da desvalorização da profissão docente.

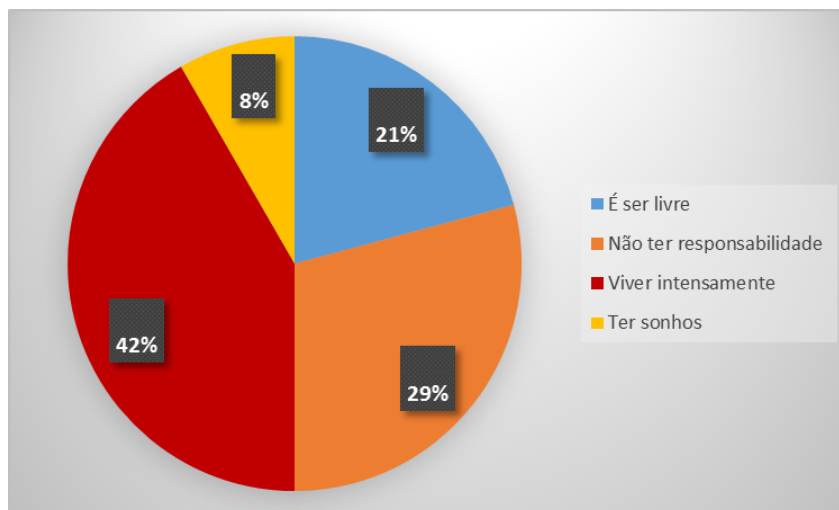
A “Agenda juventude Brasil – leituras sobre uma década de mudanças” (NOVAES et al., 2016) e o “Livro das juventudes Sul-americanas” (NOVAES; RIBEIRO et al., 2010), com suas pesquisas com os jovens trazem questões, problemas, dilemas e perspectivas da juventude brasileira que possibilitam contextualizar o campo e os sujeitos da pesquisa.

II. O que é ser jovem? O que dizem os jovens?

O estudo dos jovens no contexto escolar com vistas a compreender como percebem a sua condição juvenil pode oferecer referenciais empíricos para entendimento da juventude enquanto categoria analítica, como se percebem e quais culturas juvenis produzem no interior dessa escola que tem como especificidade a formação de professores em nível médio.

Nos relatos das histórias de vida, para abrir a conversa foi perguntado aos entrevistados se consideravam jovens e o que é ser jovem. As respostas a essa questão trouxe diferentes percepções do jovem a respeito do modo como vivencia a sua condição com seus pares e abarcam o viver intensamente, não ter responsabilidade, ser livre e ter sonhos.

Quadro 1 - O que é ser jovem?



Em sua maioria, as repostas apresentam similaridades, porém, Helena, Mary, Joe e Alan, que tinham idade acima de 18 anos, descreveram a juventude como uma condição em que não se encaixam, por já terem passado da idade ou por suas escolhas de modos de lazer, por exemplo. Em contrapartida, os demais definem que:

- *Ser jovem é ter responsabilidade com as coisas, sair, curtir, mas com moderação.* (TRACE, HV, 19/11/2018)
- *Ser jovem é não ter um olhar pesado para o mundo, sei lá.* (JOE, HV, 22/10/2018)
- *Ser jovem é fazer o que der na telha e depois se ferrar, mas saber que foi errado, e fazer de novo até aprender.* (JIMMY, HV, 05/11/2018)

Nessas falas e no panorama descrito no quadro 1, os jovens apresentam uma percepção da juventude como estilo de vida, um tempo de “agoras”, descobertas, ousadia, experimentação, percepção compartilhada por homens e mulheres. Por outro lado, a maioria coloca em oposição liberdade e responsabilidade reportando ao que analisou Groppo sobre o uso do conceito de condição juvenil.

Ao falarem de si e dos modos como vivem, esses jovens, pela linguagem, reproduzem e produzem percepções outras dos discursos socialmente estabelecidos, enraizados em uma concepção do jovem que vai ao encontro das teorias de geração, de faixa etária e biológica além das condições sócio-históricas enquanto sujeito social.

São as macroestruturas que vão apontar, a principio, um leque mais ou menos definido de opções em relação a um destino social, seus padrões de comportamento, seu nível de acesso aos bens culturais, etc.. Vai definir as experiências que cada um [...] teve e a que têm acesso. Assim, o gênero, a raça, o fato de serem filhos de trabalhadores desqualificados, grande parte deles com pouca escolaridade, entre outros aspectos, são dimensões que vão interferir na produção de cada um deles como sujeito social, independentemente da ação de cada um. (DAYRELL, 1996, p. 7)

A escuta dos jovens possibilita a compreensão de que sua condição juvenil parece, portanto, estar submetida a forças incomensuráveis, desmedidas e desconhecidas que agem sobre eles, forças essas que são a sua singularidade e se presentifica no seu discurso que é resultado de sua história pessoal, familiar e contextual, sendo, portanto uma compreensão viciada, construída sob uma força que desconhecem, e que nem podem conhecer de maneira absoluta.

III. *É como uma epifania que dura três anos. Podemos falar em jovens normalistas? O curso Normal faz juventudes?*

Ao analisar a escola como um espaço sócio-cultural Dayrell (1996) assinala a importância do reconhecimento da diversidade dos sujeitos que a compõe e ressalta que esses são formados em instituições que educam nos mais diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade, em determinado momento histórico. (p. 7)

Traçar um paralelo entre os modos como os jovens percebem a sua condição juvenil dentro e fora do curso Normal o panorama é de ambivalência. Pode-se inferir o sentido atribuído à responsabilidade, quando 29% dos entrevistados dizem que ser jovem é não ter responsabilidades, em contrapartida, 22% dizem que ser jovem no Curso Normal é ser responsável.

Ser jovem e fazer o Curso Normal exige tempo da gente. Exige um compromisso. E o jovem quer curtir, quer viajar, quer fazer as coisas, quer sair mais, ou ir à festas, [...] e tem a carga horária de estágios que a gente precisa cumprir, então eu acho que isso é um dilema. (EMILE, HV, 24/10/2018)

O dilema entre o compromisso e o lazer é citado por 67% dos jovens que questionam a falta de tempo, o cansaço e a quantidade de trabalhos como entraves à vivência do que é, segundo sua própria definição, ser jovem.

Você não tem vida sociável quase... A minha vida hoje, modo de dizer, é vir para a escola, terminar; ir para o estágio e depois ir para casa. (KATE, HV, 19/10/2018)

Karl amplia essa discussão e afirma que quem faz o Curso Normal sempre se destaca. *Aqui a gente aprende a pensar, a questionar, aprende a reivindicar os nossos direitos.* (KARL, HV, 05/11/2018)

Emancipação, autonomia, humanização, descoberta de si e do outro, aceitação são constituintes de um processo de aprendizagem desses jovens que se veem como alunos, como

aqueles inseridos em um contexto de ensino-aprendizagem, mas reconhecem, na formação de professores, uma aprendizagem que extrapola conteúdos limitados à formação para o trabalho e percebem uma formação do homem, sujeito social.

[...] o Curso Normal, na minha formação pessoal, ajudou a ter um olhar mais humano, ter uma visão mais profunda das coisas. [...] o Curso Normal contribui bastante nessa visão, e também na questão da independência. Deixa você muito mais ágil, muito mais independente. (LUNA, HV, 25/11/2018)

Inseridos em uma sociedade em mudança, que conectada a cada dia avança tecnologicamente, as percepções dos jovens sobre si mesmos e da formação que concluem incidem expectativas de continuidade aos estudos, emancipação financeira, possibilidade de auxiliar financeiramente à família, de casar. Contudo, percebem sua condição juvenil afetada pelos processos de aprendizagem construídos nas interações e relações. Tal percepção os leva a concluir que ser jovem no Curso Normal é ser um jovem diferente que possui um olhar diferenciado que acolhe e respeita o outro na sua diferença, portanto o singulariza. É percebido pelos jovens ainda que, cursar a modalidade Normal os leva a desenvolver um senso de responsabilidade e comprometimento, portanto, a escola faz juventude. O Ensino Médio na modalidade Normal faz juventude.

Referências

CARRANO, P. O ensino médio na transição da juventude para a vida adulta. In: FERREIRA, C. A. et. all (Orgs.). **Juventude e iniciação científica**: políticas públicas para o ensino médio. 1. ed. Rio de Janeiro: EPSJV, UFRJ, 2011. p. 34-49

_____. **Juventudes**: as identidades são múltiplas. Movimento. Revista da faculdade de Educação da UFF, n.1, DP&A, 2000.

DAYRELL, J.T; CARRANO, P. MAIA, C.L. (Orgs.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 339 p

_____. PAULA, S.G. Juvenil e formação de professores: diálogo possível? **Form. Doc.**: Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 33-53, jan./jul. 2011b. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/ARTIGOS> Acesso em: 10 set. 2019

_____. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.1105. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 jul.2016

_____. O jovem como sujeito social. In. **Revista Brasileira de Educação**. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

_____. **A escola como espaço sócio-cultural**. In: DAYRELL, J. (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

GROPPO, L. A. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades** [online]. 2017, vol.14 [citado 2020-01-15], pp. 9-17 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822017000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 Out.2018

GROPPO, L. A. **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas (SP): Autores Associados, 2006.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, L.A. **Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. Última década**. nº33, CIDPA. Valparaíso: diciembre 2010. pp. 11-26.

MINAYO, M.C.S. A condição juvenil no século XXI. In: MINAYO, M.C.S. et all (Orgs). *Amor e violência*: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 17-43.

NOVAES, R. et all (Orgs.). **Agenda Juventude Brasil**: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro, Unirio, 2016.

NOVAES, R. R; RIBEIRO, E. et all. **Livro das juventudes Sul - americanas**. Rio de Janeiro, Maio, 2010.